

O Pentecostalismo

O séc. XIX viu a expansão missionária e o crescimento do otimismo do homem ocidental, que se considerava eleito para levar a industrialização, da democracia e a fé cristã ao restante do mundo. Contudo, as duas Grandes Guerras tiveram um enorme impacto sobre esse sonho e também sobre a fé cristã. Além das duas Grandes Guerras e todos os eventos a ela associados, outro fenômeno que teve enorme impacto sobre a cristandade – em especial o cristianismo ocidental – foi o pentecostalismo.¹

No final do séc. XIX surgiam cada vez mais nos EUA igrejas de origem metodista com ênfase na santificação conhecidas como “igrejas de santidade” que possuíam cultos nos quais se enfatizava a manifestação dos dons do Espírito Santo como línguas estranhas, milagres e profecias. Esta tendência se manifestou com grande força na Missão da Fé Apostólica da Rua Azusa, em Los Angeles, em uma série de eventos em 1906 conhecidos como “Avivamento da Rua Azusa”. A principal voz deste avivamento foi William Seymour (1870-1922) que pregava a necessidade do batismo com Espírito Santo, distinguindo o instante da conversão desse batismo. Esse movimento viria a dar origem em 1914 as Assembleias de Deus, a maior denominação pentecostal do mundo.

Este movimento chegou ao Brasil em 1910 por meio do ítalo-americano Luigi Francescon (1866-1964) que causou uma divisão na Igreja Presbiteriana do Brás em São Paulo ao ensinar o batismo com o Espírito Santo e fundou a Congregação Cristã em 1910. A Assembleia de Deus viria ao Brasil no ano seguinte (1911) com a chegada dos missionários suecos Gunnar Vingren (1879-1933) e Daniel Berg (1884-1963) com uma divisão na Primeira Igreja Batista de Belém do Pará da qual nasceu a Assembleia de Deus, atualmente a maior igreja evangélica no Brasil.

O Pentecostalismo que a princípio iniciou entre as classes mais baixas e nas igrejas de santidade foi assumindo novas formas com o passar das décadas e se espalhando por todo o globo.² Em diversos momentos o pentecostalismo trouxe certas tendências dos avivamentos norte-americanos, em especial a tendência anti-intelectualista que via uma divisão entre “letra e espírito”. Ferreira destaca que o pentecostalismo se desdobrou em quatro ondas: a primeira onda marcada pelo batismo do Espírito Santo, dom de línguas e milagres; a segunda onda marcada por cura divina, expulsão de demônios e liturgia mais popular (Igreja do Evangelho Quadrangular em 1950; Brasil Para Cristo em 1955; Igreja Nova Vida em 1960; Igreja Deus é Amor em 1962); a terceira onda foi marcada por renovações ocorridas em denominações tradicionais e históricas (Igreja Maranata em 1968; Igreja Presbiteriana Renovada em 1968; movimento carismático católico em 1967); a quarta onda é marcada pela ênfase em prosperidade material, conhecida como “Evangelho da Prosperidade”. A última onda é também conhecida como neo-pentecostal, embora as ênfases dessas igrejas (Igreja Universal do Reino de Deus em 1977; Igreja Internacional da Graça de Deus em 1980; Igreja Mundial do Poder de Deus em 1998) seja muito distinta das doutrinas dos pentecostais clássicos e também das doutrinas mais centrais da cristandade como um todo.³

Liberalismo Vs. Fundamentalismo

A Teologia Liberal alemã chegou aos EUA no final do séc. XIX dando início ao chamado “Evangelho Social”, que transformara a fé cristã em um tipo de ativismo social “somente”, com destaque para Walter Rauschenbusch (1861-1918). Destaco o “somente” pois o evangelho havia sido transformado em uma epopeia na qual o homem salvaria a humanidade pela ação social e engajamento político. Além disso, como ocorrera no liberalismo teológico europeu houve uma contestação das narrativas de criação – consideradas mitos em face da teoria evolucionista de Darwin – e dos milagres bíblicos como sendo inserções posteriores e superstições que mostravam a fé de uma geração pré-científica.⁴ Como crescia o número de teólogos norte-americanos aderentes ao liberalismo, um grupo de teólogos britânicos e norte-americanos liderados por R. A. Torrey lançaram em 1910 uma coleção de textos chamados “Os Fundamentos” nos quais reafirmavam as principais doutrinas da ortodoxia cristã, como inspiração das Escrituras, realidade histórica dos milagres, o nascimento virginal e a ressurreição de Cristo. Estes autores foram chamados de

¹ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.389

² GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.541

³ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.281,282

⁴ GONZALEZ, Justo. *História Ilustrada do Cristianismo: a era dos reformadores até a era inconclusa*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p.390

fundamentalistas e os liberais de modernistas, gerando o embate que foi presenciado ao longo de praticamente todas as denominações não apenas norte-americanas, mas também na América Latina, incluindo o Brasil.

O Seminário Teológico de Princeton que havia sido a casa de famosos teólogos presbiterianos como Archibald Alexander (1772-1851), Charles Hodge (1797-1878) e B.B. Warfield (1851-1921) se tornou profundamente liberal e como protesto o ministro presbiteriano professor de Novo Testamento J. Gresham Machen (1881-1937) desligou-se de Princeton e junto com outros teólogos fundou o Seminário Teológico Westminster em 1929, vindo a lançar o livro “Cristianismo e Liberalismo” que foi um duríssimo ataque contra o liberalismo teológico ao diferenciá-lo do cristianismo ortodoxo.

O fundamentalismo que em princípio era uma contraposição intelectual, teológica e arrojada ao liberalismo deteriorou-se na década de 30 para se tornar de certa forma antiacadêmico e desinteressado das questões sociais. Além disso certas divergências escatológicas surgiram no movimento que passou a exibir traços dispensacionalistas, pré-milenistas e de arrebatamento pós-tribulacionistas. Conforme Ferreira, as igrejas influenciadas por este fundamentalismo posterior se tornaram anti-intelectuais com ênfases carismáticas e empresariais, com forte senso de separação da sociedade e negação da tradição teológica.⁵

Talvez como uma tentativa de uma nova opção entre a posição liberal e a fundamentalista, um movimento iniciou-se na década de 40 que ficou conhecido como evangelicalismo encabeçado pelo evangelista William Franklin “Billy” Graham (1918-) e pelo teólogo Carl F. H. Henry (1913-2003). O evangelicalismo se opôs tanto a negação da ortodoxia por parte dos liberais como se opôs também ao anti-intelectualismo fundamentalista, criando uma via intermediária que ficou expressa na fundação do Seminário Teológico Fuller e na Revista Cristianismo Hoje, fundada em 1956. Billy Graham foi o grande idealizador do Congresso Mundial de Evangelização que reuniu líderes do mundo inteiro em Berlim em 1966, mas o grande momento catalisador do movimento seria o Congresso Mundial realizado em Lausanne, Suíça, em 1974, que deu origem ao Pacto de Lausanne que se tornou a mais amplamente reconhecida declaração da fé cristã em tempos recentes.

O movimento evangelical acabou se tornando o meio no qual pensadores influentes e ortodoxos acabaram 1950-encontrando um espaço intermediário entre a ala liberal e a ala fundamentalista, como Francis Schaeffer (1912-1984), Dr. Martin Lloyd-Jones (1899-1981), John R. W. Stott (1921-2011), R. C. Sproul (1939-), Eugene Peterson (1932-), C. S. Lewis (1898-1963), Alister McGrath (1953-), D.A. Carson (1946-), John Piper (1946-) e Timothy Keller (1950-).

O movimento evangelístico por Billy Graham remontava a muitos elementos dos grandes avivamentos norte-americanos e trouxe novamente para o centro da questão da evangelização das cidades. Além disso, impulsionados pelo modelo de grandes campanhas evangelísticas logo surgiu na década de 70 uma nova geração de televangelistas que utilizavam o rádio e a televisão para propagar a mensagem cristã, dando início ao fenômeno da “igreja eletrônica”: pessoas se sentavam em frente a tv para ouvir pregadores que não conheciam pessoalmente, reforçando assim o individualismo e enfraquecendo o senso da necessidade de uma comunidade de fé.

O Movimento Ecumênico

A grande expansão missionária do séc. XIX tinha lançado as bases para que em diversos postos missionários avançados nascesse um espírito de cooperação entre as diversas denominações. O processo de divisão denominacional que ocorreu tão fortemente nos EUA mostrava seus efeitos colaterais e havia um senso de que era preciso pelo bem da evangelização do mundo diminuir os espaços entre as denominações. Assim, ocorreu a Conferência Missionária Mundial em Edimburgo, Escócia, em 1910 encabeçada pelo missionário metodista John Mott (1865-1955). Esta conferência reuniu cerca de 1200 delegados de todo o mundo e foi o marco do movimento ecumênico que visava abrir um espaço de diálogo visando maior cooperação entre as denominações. Esse encontro inspirou o nascimento do Movimento Fé e Ordem e o Vida e Trabalho, ambos em 1927. Mais tarde se fundaria o Concílio Missionário Internacional em 1947 e em 1948 o Conselho Mundial de Igrejas. Em 1961 o Concílio Missionário Internacional se integraria formalmente dentro do Conselho Mundial de Igrejas. O Conselho Mundial de Igrejas teve um papel relevante no período da Guerra Fria, convocando as igrejas a não verem o comunismo nem o capitalismo como as únicas formas possíveis de uma sociedade se organizar político-financeiramente. Atualmente o Conselho Mundial de Igrejas é sediado em Genebra e atualmente congrega cerca de 340 igrejas e denominações, embora seja alvo de desconfiança por sustentar uma teologia de tendências liberais.

Além desses eventos, o desejo de unidade da igreja local levou a interessantes movimentos no início do séc. XX: no Canadá mais de quarenta denominações se uniram para compor a Igreja Unida do Canadá em 1925; na China os metodistas, reformados, batistas e congregacionais se uniram em 1927 para compor a Igreja de Cristo na China; no Japão cerca de 42 denominações se uniram na Igreja de Cristo no Japão durante a Segunda Grande Guerra.

⁵ FERREIRA, Franklin. *A igreja cristã na história: das origens aos dias atuais*. São Paulo: Vida Nova, 2013, p.281,247